



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

**“Traumas soviéticos”: o testemunho
em Aleksandr Soljenítsyn,
Liudmila Petruchévskaja, Svetlana
Aleksiévitch e Alex Halberstadt**

***“Soviet Traumas”: the Testimony
in Aleksandr Soljenítsyn, Liudmila
Petruchévskaja, Svetlana
Aleksiévitch and Alex Halberstadt***

Autor: Ian Anderson Maximiano Costa
Universidade Federal de Minas Gerais,
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
Edição: RUS, Vol. 14. Nº 25
Publicação: Novembro de 2023
Recebido em: 22/06/2023
Aceito em: 14/10/2023

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2023.213499>

COSTA, Ian Anderson Maximiano.
*“Traumas soviéticos”: o testemunho em Aleksandr Soljenítsyn, Liudmila
Petruchévskaja, Svetlana Aleksiévitch e Alex Halberstadt.*
RUS, São Paulo, v. 14, n. 25, pp. 213-236, 2023.



“Traumas soviéticos”: o testemunho em Aleksandr Soljenítsin, Liudmila Petrouchévskaja, Svetlana Aleksiévitch e Alex Halberstadt

Ian Anderson Maximiano Costa*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discutir diferentes modalidades traumáticas na construção da *civilização soviética* e do “novo” *homo sovieticus* por meio de quatro testemunhos de gerações variadas: Aleksandr Soljenítsyn (1918-2008), Liudmila Petrouchévskaja (1938-?), Svetlana Aleksiévitch (1948-?) e Alex Halberstadt (1970-?). Na pena desses escritores, os “grandes fatos” estão subsumidos nas histórias individuais e coletivas: nos corpos dos *zeks*, das famílias, das mulheres, dos jovens, das etnias e, por último, na memória comunista daqueles que acreditavam e foram surpreendidos pelo fim, os chamados, pejorativamente, de *sovok*.

Abstract: The present paper aims to discuss different traumatic modalities in the construction of Soviet civilization and the “new” *homo sovieticus* through four testimonies from many generations: Aleksandr Soljenítsyn (1918-2008), Liudmila Petrouchévskaja (1938-?), Svetlana Aleksiévitch (1948-?) e Alex Halberstadt (1970-?). In the pen of these writers, the “great facts” are subsumed in individual and collective histories: in the bodies of the *zeks*, of the families, of the women, of the youth, of the ethnic groups and, finally, in the communist memory of those who believed and were surprised by the end, the so-called, pejoratively, *sovok*.

Palavras-chave: Trauma; Gerações; União Soviética; Testemunho
Keywords: Trauma; Generations; Soviet Union; Testimony

“Depois de setenta e tantos anos, no laboratório do marxismo-leninismo, cultivaram uma espécie humana peculiar, o *homo sovieticus*”.¹

Svetlana Aleksiévitich

“Será que já dá para falar sobre socialismo? Para quem? Todos são ainda testemunhas”.²

Ielena Iúrievna

A

expressão “traumas soviéticos” é multiforme e, por isso, deve vir assinalada no plural. A forma comporta muitas modalidades de feridas que expressam o que foi construir um novo homem, o *homo sovieticus*. Para Aleksiévitich (2016), as gerações soviéticas podem ser divididas de maneira similar, mutualista, pela constituição das lideranças dos secretários gerais do partido: “Eu dividiria os soviéticos em quatro gerações: a de Stálin, a de Khruschóv, a de Brêjniev e a de Gorbatchóv. Sou dessa última”.³ Cada uma dessas gerações vivenciaram fases, mobilizações, esperanças e autoritarismos na formação da *civilização soviética*.

Para quatro escritores, esse “novo homem” dessa “nova civilização” foi transpassado pela dor. Assumem o papel de testemunhas. Soljenítsyn (1995, 2019), em *Um dia na vida de Ivan Deníssovitch*, é pioneiro na criação de uma literatura que rememora e apresenta os trabalhos forçados nos campos soviéticos e com *Arquipélago Gulag* se transforma no arqueólogo do mundo dos *zeks*. Liudmila Petruchévskaja (2020), ainda sob a geração de Stálin, mostra, em *A menininha do hotel Metropol*, como foi crescer sob o trauma de uma família de “inimigos do

* Universidade Federal de Minas – Brasil. Mestre e Doutorando em Estudos Literários. <http://lattes.cnpq.br/8686304615832613>; <https://orcid.org/0000-0002-5592-4345>; iananderson14@hotmail.com

1 ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 19.

2 Ibid., p. 60-61.

3 Ibid., p.23.

povo” – “eme efe” –, como era ser uma mulher cercada pela violência de gênero, como era ser assediada constantemente pela fome. Em suma, ter uma “infância roubada”.

Não obstante, essa separação entre gerações não é estrita, comunicam-se. Erguer o comunismo é um trabalho progressivo, o *telos* é o futuro. Em razão disso, o relato autobiográfico de Petruchévskaja também passa pela mobilização traumática da juventude, da qual também faz parte, para dar forma ao programa de “Terras Virgens” – tendo em vista o Cazaquistão –, projetado na Era Kruschóv.

Svetlana Aleksiévitch (2016), em *O fim do homem soviético*, expressa seu pertencimento à geração de Gorbatchóv. Contudo, seu testemunho é múltiplo, formado por uma constelação de outras vozes soviéticas. Nele, o trauma também recebe distintas formas, destacamos duas: a *catástrofe do fim* com a entrada abrupta num capitalismo selvagem, o sonho de uma reforma com a *perestroika* termina na completa desilusão: “Fomos tapeados com a perestroika!”⁴ Do outro lado, temos o *trauma étnico*. A URSS era um Estado multiétnico que funcionou na base do encorajamento dos nacionalismos não russos, o objetivo era apagar com a imagem do grande Império Russo do *tsar*. Na administração Kruschóv, houve um estímulo das culturas nacionais depois dos anos de controles stalinistas. Assim como nos anos “tediosos” de Brêjniev. Isso tudo provocou, no final, sangrentos conflitos étnicos entre nacionalidades. O “soviético” como uma espécie de coletividade já não existia, agora eram armênios, russos, tchetchenos, azerbaijanos, georgianos que professavam entre si ressentimentos e ódios que desembocavam em massacres.

Já em *Jovens heróis da União Soviética*, de Alex Halberstadt (2022), mais um da geração de Gorbatchóv, temos o trauma que sobrevive ao tempo, um *trauma orgânico* que atravessa as gerações, um passado que “[...] continua a viver não só em nossas lembranças, mas em cada célula do nosso corpo”.⁵ O passado da família de Halberstadt são fantasmas que rondam sua vida

4 Ibid., p.39.

5 HALBERSTADT, 2022, p. 15.

no presente: no lado paterno, seu avô Vassíli foi um oficial do NKVD⁶ e guarda-costas pessoal de Stálin; já no lado materno, seus avós judeus Semyon e Raisa conviveram com o antissemitismo na Lituânia, ora Nazista ora Soviética.

Nos dois casos, nem a imigração para os Estados Unidos e a mudança do seu nome soviético – “Aleksandr Viacheslavovich Chernopisky” – são suficientes para recalcar o passado, já que, o trauma parecia ser transmitido fisiologicamente, “mesmo na ausência de contato”.⁷

Em todos esses escritores, como veremos, a chaga na memória, isso que estamos chamando de “traumas soviéticos”, recebe deslindes particulares. O trauma como onipresença repetitiva que não cessa de causar dor atravessa os corpos dos prisioneiros, das famílias, das mulheres, dos jovens, das etnias e, por último, da memória comunista daqueles que acreditavam e foram surpreendidos pelo fim, os chamados, pejorativamente, de *sovok*. As feridas são diversas, assim como foi à URSS.

No corpo dos testemunhos, a noção de trauma recebe seu signo moderno a partir de Freud e seu texto “Moisés e o monoteísmo”. Isto é, um evento que não se restringe somente a um caso individual, mas também ao coletivo. O trauma pode e é uma experiência histórica. Cathy Caruth (2000), no ensaio “Modalidades do despertar traumático”, vai além, o evento traumático não seria apenas o sofrimento e a fuga constante em enfrentá-lo, num ato ininterrupto de recalque e soterramento. O trauma, segundo a escritora, é um espaço ético, não da fuga, mas do direcionamento da dor do outro. Uma forma de transmissão.

Em Aleksandr Soljenítsyn, Liudmila Petrushévskaja, Svetlana Aleksiévitch e Alex Halberstadt esbarram nessas perspectivas. Neles, o trauma nunca é puramente individual, é limítrofe ao contexto – “a civilização soviética” – assim como aos outros que compartilham de experiências correlatas. O EU

⁶ Comissariado do Povo para Assuntos Internos, órgão responsável pela repressão política na União Soviética até os anos de 1934. Foi antecedida pela Tcheká e pelo GPU. Posteriormente, o NKVD dá lugar à KGB.

⁷ HALBERSTADT, 2022, p.14.

é frágil, falar de si, testemunhar, é dizer da minha dor conjugada com a dos outros. No limite, podemos dizer que o trauma individual – prisão, fome, violência, genocídio – é enfrentado na medida em que se encontra com o coletivo.

I

Um dia na vida de Ivan Deníssovith é um livro *sui generis*, primeira obra publicada sobre os campos, em 1962, no contexto do “degelo” de Kruschóv.⁸ Contudo, pela tremenda repercussão, abalou o público soviético, foi rapidamente removida das livrarias e bibliotecas. É constituída por uma mistura de muitos gêneros. É um relato autobiográfico de uma parte dos oito anos que Soljenítsyn permaneceu nos campos de trabalho. Em contrapartida, é também um trabalho ficcional, o autor cria o protagonista Ivan e outros personagens, bem como oscila entre personagens narradores e narrados em terceira pessoa.

Mas é acima de tudo uma narrativa carregada de *teor testemunhal*,⁹ o personagem possui um caráter coletivo, um dia na vida de Ivan Deníssovith era como um dia na vida de qualquer um dos presos nos campos: o trabalho esgotador, chamadas e contagens intermináveis, o frio, a fome, a violência. Os dias se repetem, são sempre os mesmos. Como comunica o narrador no final: “Dias como esse, em sua pena, ele tinha, de ponta a ponta, três mil seiscentos e cinquenta e três. Os três a mais eram por culpa dos anos bissextos”.¹⁰ Essa ironia ácida e cortante do último trecho é marca presente nos textos de Soljenítsyn.

8 Como é lembrado o período de arrefecimento da censura no plano cultural, momento em que os intelectuais puderam escrever sobre temas antes proibidos como o Gulag e a burocracia estatal.

9 Para Seligmann-Silva (2022), “literatura de testemunho” não é um gênero na medida em que essa escritura da memória é realizada por sobreviventes de traumas históricos. No entanto, é possível pensar em um “teor testemunhal” que atravessa a literatura, mesmo a ficcional. O crítico postula esse campo a partir de uma máxima de Walter Benjamin: a saber, todo documento de cultura é, por sua vez, um documento de barbárie.

10 SOLJENÍTSYN, 1995, p.150.

Os campos criam uma nova linguagem e todos os presos são chamados pela designação de *zek* (detido). Ivan Deníssovith tinha cumprido parte dos seus oito anos – como Soljenítsyn – nos campos de trabalho comum conjuntamente com criminosos e mulheres. Sua tarefa era o transporte de troncos, serra-gem de árvores e madeira. Já o novo local, escopo do relato, é um campo de trabalho forçado, específico para os presos considerados “políticos” – não oficialmente. Ali, os *zek* recebiam números de matrícula.

Chuklov¹¹ foi preso, segundo seu dossiê, por traição à pátria. Durante a guerra, tinha sido feito prisioneiro pelos alemães, mas havia conseguido fugir. Escapou porque só podia ser um espião. Era uma ordem de Stálin considerar que todo soldado soviético feito prisioneiro, não importava por qual motivo, fosse considerado um traidor e devia ser mandado aos campos. Na acusação montada, Deníssovith fingiu que fugiu, pois recebeu uma missão do inimigo. Qual? Não sabiam, mais isso não importava. O melhor era confessar logo: “Na contra-espionagem Chukhov apanhou como um cachorro. Então ele pensou: se não assinasse, era o cemitério. Assinando, ganhava pelo menos uma chance de viver mais um pouco. Ele assinou”.¹²

A comparação com o cachorro não é por acaso. Os campos funcionam como um bestiário onde homens são transformados em animais e bestas. Assinar o dossiê de acusação era a coisa mais lógica a ser feita, prolongava, com sorte, a chance de viver “mais um pouco”. Esta expressão é clara e não deixa dúvidas, vivia-se só um pouco mais, dado que a morte é certa.

Nos campos de trabalho forçado, Deníssovith exercia o “ofício” de pedreiro. Faltava apenas um ano da sua pena por cumprir, mas isso não despertava nenhuma esperança, era o sistema autoritário que decidia quando terminar com um simples decreto que emanava de uma entidade quase abstrata, o “poder soviético”:

Chukhov gosta que os outros apontem para ele porque está chegando ao fim da pena. Mas, no fundo, ele não acredita muito nisso. Houve uma disposição especial para os

11 Apelido de Ivan Deníssovith.

12 SOLJENÍTSYN, 1995, p.62.

que acabaram a pena durante a guerra: ficaram presos até 1946. Então, quem tinha que cumprir três anos ficou cinco que não estavam previstos. A lei muda. Você acabou seus dez anos? Eles te explicam: “Fica mais dez”. Ou te mandam para o exílio.¹³

Uma vez *zek*, sempre *zek*. Enquanto todas as leis mudam, como as que indicavam a pena, aquela outra era uma das mais estáveis. Havia sempre a possibilidade de receber novas sentenças e, na plausibilidade de ser libertado, o preso aguardava um “exílio eterno” nos rincões mais ermos. O corpo não pertencia ao *zek*, mas ao Partido. Ali, nos campos, como resume o narrador: “O homem, afinal, é coisa que se vira e desvira”.¹⁴

Um dia na vida de Ivan Deníssovith está diretamente ligado à gênese do *Arquipélago Gulag*. O livro criou um espaço que permitiu que outras testemunhas criassem coragem de contar suas experiências nos campos. Por consequência, Soljenítsyn recebeu um grande fluxo de relatos:

Chegam para mim cartas, centenas delas e da *Nóvy Mir* chegam mais maços de cartas, e todo dia o correio de Riazan traz mais – simplesmente ‘para Riazan’, sem endereço... Uma explosão de cartas de toda a Rússia, o peito não conseguia dar conta; e a magnitude da exposição da vida dos detentos, algo que nunca antes pôde ser realizado. Vinha até mim uma enxurrada de biografias, de casos, de acontecimentos...¹⁵

A partir desse farto material, Soljenítsyn constrói uma obra monumental, na extensão e na repercussão. Já nas primeiras páginas, a feitura partilhada é ressaltada pelo autor: “Uma pessoa só não teria forças para criar este livro sozinha. Além de tudo que eu trouxe do Arquipélago – em minha pele, na memória, nos ouvidos e nos olhos –, o material deste livro me foi entregue em relatos, recordações e cartas [...]”.¹⁶ O livro é uma memória coletiva dos *zeks*: “[...] este é o nosso memorial conjunto, comum a todos os torturados e assassinados”.¹⁷

13 Ibid., p.61

14 Ibid., p.108.

15 SOLJENÍTSYN *apud* SOLJENÍTSYNA, 2019, p.17.

16 SOLJENÍTSYN, 2019, p.36.

17 Ibid., p.36.

Natália Soljenítsyna (2019), esposa do escritor, nos conta no prefácio “O dom da encarnação” toda saga na escrita e na publicação do *Arquipélago*. Soljenítsyn o produziu num esconderijo sob cerrado segredo, primeiro durante 65 dias e depois 81. Em Moscou, contou com três assistentes para datilografar e revisar o texto definitivo. Por último, arriscou ao pedir ajuda a um parisiense de origem russa para retirá-lo das fronteiras soviéticas. No interregno até sua publicação, a KGB descobre e confisca um exemplar incompleto. O livro só foi ser publicado, em Paris, em 1973. Na União Soviética, o livro só foi aparecer durante a *glasnot* (abertura e transparência) de Gorbachóv.

Diferentemente de *Um dia na vida de Ivan Deníssovith*, Soljenítsyn quis retirar do livro qualquer possibilidade de leitura ficcional. Por isso, antes de iniciar, um aviso aguarda ao leitor: “Neste livro não há personagens inventados nem acontecimentos inventados”.¹⁸ Deve funcionar como um imenso arquivo. No entanto, isso não pressupõe tomá-lo como uma simples denúncia: “Que largue o livro quem espera que ele seja uma denúncia política”.¹⁹ É um livro múltiplo. Segundo o historiador Daniel Aarão Reis (2019): “Havia no *Arquipélago* um entrelaçamento inédito entre história e memória; entre documentação escrita e relatos orais; entre avaliação de episódios imediatos e visão de longo prazo; entre análise psicológica e reflexão política”.²⁰ Reúne tudo em uma única forma. O subtítulo do livro – “Um experimento de investigação artística” – manifesta esse seu propósito de ir além. O objetivo é que ele seja uma história do trauma – individual e coletivo –, e isso, em outras palavras, é dizer de uma história da União Soviética entre 1918 e 1956.

Soljenítsyn se faz de testemunha, arqueólogo, historiador e antropólogo do sistema Gulag soviético. E o que foi esse Arquipélago? Nada mais nada menos do que o complexo que fazia funcionar os Planos Quinquenais de Stálin. Sem capitais e com o fim da Nova Política Econômica (NEP) de Lênin,

18 Ibid., p.35.

19 SOLJENÍTSYN *apud* SOLJENÍTSYNA, 2019, p.25.

20 REIS, 2019, p.660-661.

a modernização foi levada a cabo por meio de mão de obra barata. E onde consegui-la? Na expropriação e deportação dos *culáques* – os chamados, “supostamente”, de camponeses ricos – e nos “inimigos da pátria”:

Mas a principal fonte de trabalho explorada foi o camponato, sendo a deportação de *culáques* um dos fatores mais significativos desse processo, e a GPU, junto com a crescente rede de campos de trabalho do gulag, tornando-se um fornecedor industrial importante.²¹

Os campos não funcionavam somente em algumas localidades específicas, estendiam-se por todo território da União Soviética. Para Soljenítsyn, os campos operavam como uma grande “indústria carcerária” e ao modo de um câncer que sofreu metástase:

Assim, das voragens da tundra e da taiga, erguiam-se centenas de novas ilhas, pequenas e médias. Toda a parte setentrional do Arquipélago foi gerada por Solovki. Mas não só por ela! Ao grandioso chamado do Poder Soviético, os campos e as colônias de trabalhos correcionais intumesciam por todo o nosso interminável país. Cada região cultivou seus ITL²² e seus ITK.²³ Milhões de quilômetros de arame farpado avançavam cada vez mais, entrecruzando-se, entrelaçando-se, cintilando alegremente como espinhos ao longo das ferrovias, das estradas de rodagem, ao longo dos arrabaldes das cidades.²⁴

Todavia, antes de o prisioneiro ser internado nos campos propriamente dito, existe todo um rito anterior: a prisão, os inquéritos, a acusação, a assinatura e, por fim, o transporte nos “vagões-zek”. Por sua vez, as detenções não ocorreram apenas nos momentos mais acerbos dos “grandes expurgos”, os anos 1937-1938. Aquilo que Soljenítsyn chama de “a história de nosso sistema de esgoto” remonta a 1929-1930 com os *mujiques*. Depois, seguiram os *deskulakizados*. Povos inteiros eram deportados, famílias desfeitas.

21 FITZPATRICK, 2023, p.83.

22 Campo de trabalho correcional.

23 Colônia de trabalho correcional.

24 SOLJENÍTSYN, 2019, p.266.

No capítulo “Os zeks como nação”, o escritor se transveste de etnólogo. Os presos são considerados um povo a parte com uma linguagem, uma psicologia, uma ética e uma cultura, um *tipo nacional*. Ser um *zek* constitui aquilo que comentamos em Ivan Deníssovith, a saber, uma marca indelével:

A marca desse pertencimento está entranhada na pessoa, profundamente e para sempre. Depois de muitos anos, se a pessoa se vir fora do Arquipélago, nela você reconhecerá primeiro um *zek*, e, somente depois, um russo, ou um tártaro, ou um polonês.²⁵

Haver sido um *zek* é um trauma que não se pode apagar, persiste mesmo na “liberdade”. A conclusão de Soljenítsyn é abissal, os campos eram lucrativos, inúmeras obras foram erigidas (no cap. 22, “Nós construímos”, o autor lista alguns dos empreendimentos), mas ao custo de centenas de mortos. O socialismo foi erguido sob os corpos dos *zeks*. Os campos de trabalho também eram, para Soljenítsyn, locais de extermínio: “[...] é impossível, sem algum privilégio, sobreviver a uma só sentença, pois esses campos foram inventados para o extermínio”.²⁶

II

A escritora e dramaturga russa Liudmila Petruchévskaja nasceu, em 1938, numa família de velhos bolcheviques. Seus primeiros anos foram vividos no histórico Hotel Metropol, um espaço que abrigava a alta cúpula do Partido. [Fig.1]

Dada a sua importância, o Hotel estampava os cartões portais, era intitulado de a “segunda Casa dos Sovietes”. Não obstante, membros dos elevados cargos do Partido e dos comitês regionais estavam sempre sujeitos, em 1937, aos temidos expurgos. Foi o que aconteceu com inúmeros familiares de Petruchévskaja, alguns foram presos, outros mandados ao Gulag e outros ainda executados, como a irmã da sua avó, Ássia. Nesse contexto, as condenações ao fuzilamento funcionavam

25 Ibid., p.396.

26 Ibid., p.247.



Fig. 1: Hotel Metropol, cartão-postal de 1905.

Fonte: Petruchévskaja, A menina do Hotel Metropol.

como um engodo: “Na época, a condenação ao fuzilamento recebia o nome suave de ‘dez anos sem direito a correspondência’”.²⁷ Esse subterfúgio eufemístico prolongava a dor de familiares que esperavam a volta, pelo tempo da suposta pena, dos que foram condenados.

Petruchévskaja ainda tece outras considerações sob o aparato repressivo de Stálin: “Recentemente me disseram que quem aguentava mais tempo, não confessava ser espião, não assinava o papel, esses eram mais torturados e executados mais tarde”.²⁸ No entanto, confessar não garantia que sua vida seria poupada, no mínimo, seria enviado aos campos.

²⁷ PETRUCHÉVSKAIA, 2020, p.15.

²⁸ Ibid., p.17.

O resto de sua família escapou ao se esconder em Serébriani Bor. O comentário seguinte de Petrushévskaja escapa de uma simples notação individual, como se a situação particular da sua família fosse a de muitas outras: “Às vezes, as pessoas simplesmente iam embora de casa, e os enviados do NKVD não as encontravam”.²⁹ Mas não se escapava completamente, esse *trauma familiar* é *ab aeterno*, se um é implicado, todos o são. A pecha é como uma mancha inaudita e hereditária. Na linguagem soviética, os membros de uma família de “inimigos do povo” possuíam uma designação específica, qual seja, “eme efe”. Por onde iam carregavam a suspeição sob os ombros.

Assim foi com sua mãe, avó e tia. A mãe de Petrushévskaja ficou em Moscou para terminar os estudos superiores, e a escritora, sua avó e a tia foram para a região de Kuibichev. Viviam com o que a mãe mandava, já que Vava, a tia, fora despedida como “eme efe”, além de ter sido interrogada pela polícia secreta. A perseguição era tremenda:

A vida que levávamos em Kuibichev era uma vida de renegados, párias, loucos. “Inimigos do povo” não era uma expressão vazia, éramos inimigos dos vizinhos, da polícia, dos chefes, dos zeladores, dos passantes, dos habitantes de todas as idades naquele prédio. Não nos deixavam entrar no banheiro, lavar a roupa, nem sabão tínhamos.³⁰

Os apartamentos eram comunais. Mais de uma família, desconhecidas, viviam juntas. Alguns cômodos eram compartilhados alternadamente entre os membros como banheiro, cozinha e lavanderia. O clima nesses espaços era pesado, viviam uns aos outros, delações eram costumeiras. Ser uma família “eme efe” tornava tudo ainda pior, todos os olhares lhes eram direcionados.

Do outro lado desse espaço sufocante, o *trauma da fome* sempre premente. No período da “Grande Guerra Patriótica”, a comida era racionada e cupons eram distribuídos. As enormes filas se tornaram uma imagem característica, mesmo no frio congelante serpenteavam pela brancura da neve. Petrushévskaja recorda o momento, posterior, em que perguntou a Vava como

²⁹ Ibid., p.17.

³⁰ Ibid., p.98.

tinham sobrevivido, a resposta é simples e contundente: “Não sei”.³¹ A dramaturga comia, escondido, cola na creche. Em casa, eram as cascas de batata amargas e cozidas num “fogão” improvisado:

Vava trazia cascas de batata do refeitório da Casa dos Oficiais – os soldados as jogavam fora quando deixavam as batatas de molho. Vovó cozinhava na frigideira sobre um fogareiro, como se faz com batata, sem óleo. **Até hoje me lembro do gosto horrível da casca queimada...**

O fogareiro ficava no quarto, no peitoril da janela. Não nos deixavam entrar na cozinha.³²

A tenacidade dessa memória faz com que seja permanente. É também nesse momento que Petruchévskaja passa a viver mais nas ruas do que com Vava e sua avó. Junto com outras crianças, perambulava em busca de comida, apresentava pequenas *performances* para pedir esmolas: “Eu não mendigava estendendo a mão, andava por pátios desconhecidos, parava perto de um galpão em algum lugar (ali em geral corriam as crianças e passavam apressadas as velhas) e começava a cantar”.³³ A fome no pós-guerra era tão grande como no período anterior, se não maior.

Contudo, ser uma menina e ainda por cima “eme efe” era conviver com a violência das crianças maiores. Mesmo quando sua mãe veio buscá-la, após quatro anos de separação, a brutalidade não teria fim. Começava ali uma fase de erranças por acampamentos e orfanatos, estas outras imagens constantes no pós-guerra da União Soviética.

Para uma mulher, o cotidiano era tremendamente pior. Um rito erótico arbitrário, representativo do ato sexual, devia ser seguido pelas meninas, a saber, os meninos deviam deitar por cima delas e em troca:

Em compensação, não bateriam em você. E a menina – pequena, é preciso notar, nove ou dez anos – devia ir sem qualquer receio, talvez a contragosto, porque era entediante,

31 Ibid., p.47.

32 Ibid., p.58, grifos nossos.

33 Ibid., p.83.

desconfortável, fedia, mas já sem medo, aonde lhe dissessem. Em compensação, diriam, não vão bater em você. E vão lhe dar algo. Isso às vezes terminava em morte. Então a menina desaparecia. Se sobrevivia, eles mesmos a usavam ou tentavam alugar e ganhar dinheiro com ela.³⁴

A escrita de Petrushévskaja é sutil e implícita. O que já era um símile violento do ato sexual coagido, pelo medo ou a fome, concretizava-se no ato em si e as meninas vítimas dessa ação carregariam essa marca perene, eram transformadas em objetos. Tudo isso acontecia nos pátios ou no próprio seio familiar: “O pátio e a família são a caverna primitiva onde a criança do sexo feminino é a vítima inicial. Às vezes, aos dois, três anos”.³⁵ No espaço dos orfanatos, essa violência persiste: “Não há virgens nos orfanatos”.³⁶ Novamente, a escrita é velada e latente, lê-se, meninas eram violadas. Ainda, a escritora continua: “Por isso o destino de moças e rapazes é tão diferente depois dos internatos e orfanatos”.³⁷ Em suma, a violência de gênero era um trauma que atravessava a vida de muitas meninas e mulheres. De locais de acolhimento, o pátio, a família e o orfanato se convertiam em locais de violência.

Como futura escritora, Petrushévskaja era antes de tudo uma leitora. Os livros são onipresentes em seu relato. No capítulo “O nome do livro”, mostra como era a relação do regime para com eles. No clima do “realismo socialista”, a censura é intensa. Por isso, circulavam duas modalidades de publicação não oficiais por baixo dos tentáculos da repressão, quais sejam: os *samizdat* e os *tamizdat*. O primeiro, segundo a historiadora Sheila Fitzpatrick (2023), são os “manuscritos publicados pelos próprios autores e, portanto, sem censura, sobre vários tópicos delicados, de política a religião e ioga, copiados em máquinas de escrever e distribuídos a mão”.³⁸ O segundo, um parente menor, “circulava literatura proibida trazida do Ocidente”.³⁹

34 Ibid., p.137-138.

35 Ibid., p.138

36 Ibid., p.138.

37 Ibid., p.138.

38 FITZPATRICK, 2023, p.176.

39 Ibid., p.176.

Petruchévskaja era leitora dos últimos. Para manipulá-los, exigia-se toda uma operação ultrassecreta, seus agentes eram *partisans urbanos* e, acrescento, literários: “Combinávamos encontros numa esquina, transferíamos pacotes inofensivos, os livros andavam de metrô em outras capas ou em sobrecapas de plástico como livros didáticos. Éramos *partisans urbanos*”.⁴⁰ Quem era pego na “posse” de livros proibidos recebia o agravante da “difusão” e podia permanecer cinco anos preso. Por isso, um dos livros mais lidos nessas circunstâncias era *Como se comportar num interrogatório?* de Amalrik. O objetivo-mor das lições era não entregar o nome do fornecedor.

Como adulta, Petruchévskaja tornou-se, em suas palavras, uma anticomunista. Tece críticas, quando estudava jornalismo, ao modo ortodoxo vazio: “Assim, éramos preparados para ser ignorantes não profissionais, e ideologicamente consequentes...”⁴¹ Contudo, apesar do seu comportamento heterodoxo, não deixou de ser contagiada pelos “planos grandiosos” de Kruschóv para resgatar os vislumbres iniciais da Revolução de 1917. Um dos seus principais programas era a mobilização da juventude para a exploração e modernização das “Terras Virgens” no Cazaquistão – uma modalidade contemporânea da “Marcha para o Oeste” do EUA no século XIX. Para a historiadora Sheila Fitzpatrick (2023):

Seu ambicioso programa de Terras Virgens foi projetado para pôr o cultivo de grãos em extensas áreas do Cazaquistão, não apenas por meio de grandes investimentos estatais, mas também por meio da mobilização do entusiasmo e do espírito aventureiro dos jovens. Era assim que se construía o socialismo, na visão de Khruschóv.⁴²

Petruchévskaja foi uma dessas jovens aventureiras e entusiasmadas com a possibilidade de construir o socialismo com as próprias mãos. Nas suas palavras:

Na época eu não entendia isso completamente, mas os procedimentos demagógicos, pelo visto, haviam sido assimilados por mim com clareza naqueles cinco anos de

40 PETRUCHÉVSKAIA, 2020, p.186.

41 Ibid., p.236

42 FITZPATRICK, 2023, p.141.

estudo. Aqueles meus princípios comunistas! Ir para as terras virgens, para a construção! Para o mato! Não aqui com vocês em Moscou!⁴³

Partiu com um conjunto de estudantes para o Cazaquistão do Norte trabalhar no destacamento de construção da MGU nas Terras Virgens. As condições eram extremas:

E de fato peguei no pesado na construção, como trabalhadora braçal, carregadora. Arrastando pedras, como nos trabalhos forçados, sob um sol abrasador, padiolas cheias, carregando em dupla num calor de cinquenta graus, sem banho (duas vezes em dois meses), com água salgada de um barril, sem correio e comendo macarrão marrom de café da manhã, almoço e jantar [...]⁴⁴

Por lembrar dolorosamente a exaustão do corpo, o trabalho é traumático e, por isso, é comparado ao dos *zeks*. Contudo, na outra face do Jano bifronte, o relato mostra como a URSS era um imenso *painel dialético*, não funcionava somente na base da violência, mas também da euforia, do consentimento e da promessa do Futuro.

III

Apesar de todos os tropeços, ninguém imaginava que a União Soviética terminaria. Os ocidentais, liderados por EUA, já estavam abandonando a possibilidade do seu colapso e se acostumando ao regime. A ideologia socialista projetava uma substituição do capitalismo. No entanto, a *perestroika* de Gorbachóv, junto com a reforma, provocou e acelerou o fim. Este, por sua vez, pela surpresa, provocou inúmeros traumas:

Quando o impossível aconteceu e, ademais, sem grandes revoltas populares na União Soviética ou na Europa Oriental, que poderiam ter tensionado, para não dizer derrotado, a capacidade de segurança soviética, isso causou um trauma aos russos quase sem igual, mesmo num século XX cheio de traumas.⁴⁵

43 PETRUCHÉVSKAIA, 2020, p.241.

44 Ibid., p.243.

45 FITZPATRICK, 2023, p.183.

Em *O fim do homem soviético*, Aleksiévitich viaja por toda a União Soviética para recolher inúmeros testemunhos de pessoas comuns sobre o que foi o “drama socialista” e como sua ruína marcou diversas vidas. De repente, o socialismo era substituído pelo capitalismo. Nas palavras de uma testemunha:

Eu era noventa por cento soviética... Eu não entendia o que estava acontecendo. Lembro que o Gaidar apareceu na televisão: aprendam a fazer comércio... O mercado vai nos salvar... Você compra uma garrafa de água mineral em uma rua e vende em outra, e isso são os negócios. As pessoas ouviam perplexas. Eu chegava em casa. Fechava a porta e chorava. Minha mãe teve um derrame, de tão assustada que ficou com aquilo. Talvez eles quisessem fazer alguma coisa boa, mas faltou compaixão com o próprio povo. **Eu nunca vou me esquecer dos velhinhos pedindo esmola, fileiras deles pela rua.** Com seus chapeuzinhos puídos, seus casaquinhos remendados... Ia e voltava correndo do trabalho, com medo de erguer os olhos... Trabalhava em uma fábrica de cosméticos. Em vez de dinheiro, eles nos davam perfumes... comésticos...⁴⁶

“Terapia de choque” ou simplesmente *Shok* era como o capitalismo deveria ser implantado no novo regime russo de Iéltsin. Isso consistia no fim do estado de bem-estar social soviético por meio da desregulamentação da economia, privatização e uma constante alta das taxas de desemprego. A inflação era extremamente alta, os salários não eram pagos em dinheiro. Os pensionistas tiveram suas aposentadorias suspensas. Muitos foram para as estações de metrô pedir esmolas. Os sem-teto passaram a fazer parte da paisagem urbana. Apartamentos foram saqueados pelos “novos russos”. Esses formavam os novos grupos sociais ricos, de “criminosos” e “oligarcas”, que se apropriaram dos antigos ativos estatais. A “nova” Rússia era um imenso palco para o ensaio neoliberal.

Na nova linguagem “pós-socialista”, foi inventado um termo pejorativo para representar aqueles que eram “noventa por cento soviéticos”, isto é, os que acreditavam piamente na ideologia comunista. Qual seja, *sovok*. Em tradução, uma grande pá rústica para apanhar lixo. Para esses, o mundo pós-soviético

46 ALEKSIÉVITCH, 2016, p.58, grifos nossos.

era desconhecido: “Aquele era o meu país, agora eu moro num país que não é meu. Vivo num país estranho”.⁴⁷ Além do mercado e do empreendedorismo, novas ideologias, todo o resto eram ruínas e sofrimentos: “[...] E agora estamos sobre os escombros do socialismo. Como depois da guerra. Somos tão caledados, tão surrados. Temos a nossa própria língua... A língua do sofrimento...”⁴⁸

Do outro lado desse cenário, temos o ocaso de uma suposta identidade soviética comum. Novos Estados-Nação começam a surgir – Azerbaijão, Uzbequistão, Turcomenistão, Geórgia... A religião muçulmana passa a predominar. Como resultado, as nacionalidades que antes conviviam em harmonia se transformaram em inimigas de sangue. Em quase todos esses Estados, os de nacionalidade diversa eram perseguidos – russos, armênios, azerbaijanos.

Um dos testemunhos mais comoventes em *O fim do homem soviético* é o de Margarita K., uma refugiada armênia. Seu relato fala sobre os *progroms* contra os armênios ocorridos na cidade Baku, no Azerbaijão, ao final da União Soviética. Margarita só conseguiu escapar porque foi escondida por uma amiga num sótão. O testemunho é marcado pelas falhas, silêncios, pelas impossibilidades do narrar: “Eu queria dizer alguma coisa... Alguma coisa... Eu esqueço as palavras mais comuns... comecei a esquecer...”⁴⁹ No entanto, as cenas de horror vistas ou escutadas estão impressas na mente, de tal forma, que é impossível esquecê-las:

[...] Eu não queria ouvir o que ela estava dizendo... Não queria ouvir! Não queria ouvir nada! Mas o que era aquilo?! Mas o que era aquilo, como era possível?! ‘O que aconteceu com a sua casa?’ ‘Minha casa foi roubada.’ ‘E os seus pais?’ ‘Levaram minha mãe para o pátio, tiraram toda a roupa e a puseram na fogueira! E minha irmã grávida foi obrigada a dançar em volta da fogueira... E depois que mataram, arrancaram o bebê de dentro dela com uma varas de ferro..’ ‘Pare de falar! Pare de falar’ ‘Meu pai foi morto... a machadadas... Os parentes

47 Ibid., p.63

48 Ibid., p.59

49 Ibid., p.394



Fig. 2: Zina Portnova
Fonte: Halberstadt, *Jovens heróis da União Soviética*.

só reconheceram por causa das botas...' 'Pare de falar! Eu imploro!' 'Uns homens se reuniram, velhos e jovens, eram uns vinte ou trinta, e invadiram as casas em que moravam as famílias armênias. Matavam e estupravam: a filha na frente do pai, a esposa na frente do marido...' 'Pare de falar! É melhor chorar'.⁵⁰

Margarita faz o papel de Aleksiévitich, escuta o testemunho de outra armênia, o individual e o coletivo sempre se entrecruzam e se mesclam. A armênia luta por tapar os ouvidos, mas deve escutar a dor do outro, mesmo que essa

seja dilacerante. Ela não queria ouvir, pede a todo o momento para que cesse. É por demais pungente. Cada circunstância do horror que é acrescentada parece lhe ferir mais fundo. Tudo é inacreditável: “Mas o que era aquilo, como era possível?!”. Como compreender? O que torna ainda mais exasperante e paroxística a situação é que a pouco tempo todos possuíam uma afinidade em comum: “...Antes éramos todos soviéticos [...]”⁵¹ A conclusão lógica: era uma construção artificial e frágil.

IV

O título “Jovens heróis da União Soviética” era homônimo de um livro escolar que circulava na educação soviética e que marcou a infância de Alex Halberstadt. Nele era apresentado um rol de crianças que tinham praticado atos de coragem extraordinários e que sempre terminavam em morte. O escritor recorda o caso de Zina Portnova, uma menina presa pela Gestapo. Ela tinha mostrado extrema bravura na prisão,

50 Ibid., p.396-397.

51 Ibid., p.407.

tentou envenenar os oficiais alemães e, por isso, uma corda foi amarrada ao seu pescoço. [fig.2]

Mas, apesar de todos os empecilhos, Zina não desiste. Como mostra na imagem, aproveita-se de um descuido do oficial da Gestapo que observava um desembarque militar pela janela e toma sua arma. Em seguida, o mata. Como punição, foi torturada até a morte “de forma animalésca”.⁵² Esses exemplos deviam servir para crianças de seis e sete anos. O capítulo 1 desse livro trazia ainda a notável história de Pavlik Morozov, quiçá a mais conhecida na União Soviética. Esse jovem havia denunciado o pai ao NKVD por esconder grãos no período da coletivização. Pelo crime de traição, o pai foi fuzilado. Como retaliação, a família de Pavlik o assassinou.

Morozov converteu-se em mito na União Soviética. Um modelo de abnegação e amor à pátria acima da família. Sua história foi “escrita” no espaço urbano por meio da monumentalização da sua imagem. Excursões eram realizadas para que os “jovens pioneiros” visitassem seu túmulo.

Na imagem [fig. 3], jovens pioneiros da região de Tiumên depositam flores no local onde o corpo do “jovem herói” foi supostamente encontrado. A expressão de todas as crianças é de comisseração, um pesar coletivo circunda o “túmulo

monumento”. Essa educação soviética, extremamente ideológica, devia calar fundo nos corações da juventude. O exemplo é o desiderato dessa didática, mas eles não podiam ser comuns. Tinham que se relacionar com a morte. Como assinala Halberstadt em relação ao livro:

A maioria das crianças e *Jovens heróis da União Soviética* era punida por seus atos patrióticos: enforcada, morta a tiro, imolada, envenenada, deixada

Fig. 3. Jovens pioneiros no “túmulo” de Pavlik Morozov
Fonte: Anatóli Grakhov



52 HALBERSTADT, 2022, p.268.

para congelar na neve. Sua coragem em si não era notável – só morrendo elas se tornavam heroicas. A morte as tornava belas.⁵³

A pátria era mais importante do que a vida individual. Sacrificá-la é torna-se um herói no panteão comunista. Entretanto, para o escritor, esses exemplos não funcionaram como deviam, resultaram não no heroísmo, mas no *desejo heterodoxo*: “Foi ao olhar um desenho de um jovem herói revolucionário que senti os primeiros solavancos de atração e repulsa do desejo sexual”.⁵⁴ Nesse episódio, está inscrito o erotismo de um menino que possuía o desejo por outros garotos, mas também o microcosmo da relação dúbia do escritor com a União Soviética. Atração e repulsa se equivalem a tentativa de esquecimento e a memória sobrevivente.

Com sua imigração – conjuntamente com sua mãe, avô e avô – para Nova York, Halberstadt tenta apagar seu passado soviético – a língua, seu pai –, mas esse persiste na educação que foi recebida, bem como na memória familiar, nas relações intrincadas entre seus parentes. Seu avô, Vassili, foi um membro ativo da polícia secreta, primeiro da OGPU e depois do NKVD. Trabalhou em um escritório na temida prisão de Lubianka, além de ter sido guarda costas de Stálin no início de carreira.

Para confrontar o passado traumático, Halberstadt volta à União Soviética para encontrar seu avô na cidade de Vinnytsia. Tenta resgatar, numa forma de entrevista, todo o papel de Vassili no autoritarismo de Stálin. Todavia, o avô era vago, seu relato é sempre lateral aos fatos principais, mostrava apenas a “antessala de seu passado”. Não obstante, o escritor percebe que foram justamente esses silêncios, afastamentos e mal entendidos de Vassili que haviam marcado sua relação com seu filho, pai de Halberstadt, e também com sua mulher, Tamara. O que, por sua vez, como efeito cascata, afetou a relação do escritor com o pai e deste com sua mulher.

Eu também estava percebendo que o papel do meu avô nesses acontecimentos afetava todos nós que estávamos

53 Ibid., p.269, grifos do autor.

54 Ibid., p.269.

ligados a ele. Meu pai tinha de se nutrir dos restos de humanidade que Vassíli levava para casa e de seu passado amedrontador. *Aquilo*, entendi finalmente, era história: não a narrativa ordenada dos livros, mas uma aflição que se propagava de pai para filho, de irmã para irmão, de marido para mulher. Ela tirou Tamara de Vassíli, Vassíli de meu pai, e meu pai de minha mãe e de mim. Cinquenta anos depois de sua morte, Stálin – o espantalho dos noticiários em preto e branco – também alcança minha vida.⁵⁵

A História com “H” maiúsculo, dos “grandes feitos”, é na verdade talhada e tecida nas vidas comuns, no *trauma familiar* que se transmite entre gerações. Do lado materno, a dor também era ubíqua. Seus avós judeus, Semyon e Raisa, carregavam nas costas o trauma da *Shoah* que se abateu sob a cidade de Vilnius na Lituânia. A violência se transformou em rotina, ora pelos nazistas e seu extermínio, ora pelos soviéticos e seus expurgos e deportações. Após a Segunda Guerra, os judeus da Lituânia possuíam a menor taxa de sobrevivência da Europa. Quase todos os parentes de Semyon e Raisa tinham sido assassinados. Ademais, sob Stálin a retórica antisemita tinha sido revivida. Nesse momento, a Lituânia fazia parte das repúblicas socialistas.

Todo esse peso parecia comprimir sob Halberstadt. A barreira, segundo o escritor, entre história e biografia era imperceptível. Em razão disso, a pergunta que ele se fazia no início sob a capacidade de sobrevivência do trauma poderia receber uma resposta afirmativa: “Seria possível que o passado não tivesse passado, mas existisse junto com nossa vida presente, numa sobreposição fantasmagórica?”⁵⁶

Consideração final

“Todos são ainda testemunhas”, salienta Ielena Iúrievna, ela também uma testemunha, secretária do comitê distrital do Partido. Como ler essa frase? Ela parece vir marcada por uma exigência de distanciamento histórico para falar sobre

55 Ibid., p.96-97, grifos nossos.

56 Ibid., p.24.

o que foi a União Soviética. Contudo, ela já é uma resposta de uma pergunta anterior. O distanciamento é impossível, pois esse passado ainda não passou, está incrustado nas inúmeras vidas mesmo após o fim. Como nos quatro escritos aqui analisados, os “traumas soviéticos” são sobrevivências que encurtaram a separação entre história e biografia. Os “grandes fatos” estão subsumidos nas histórias ordinárias, nas dores individuais e coletivas.

Referências bibliográficas

- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *O fim do homem soviético*. Trad. Lucas Simone. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- CARUTH, Cathy. “Modalidades do despertar traumático (Freud, Lacan e a ética da memória)”. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 111-136.
- FITZPATRICK, Sheila. *Breve história da União Soviética*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Todavia, 2023.
- HALBERSTADT, Alex. *Jovens heróis da União Soviética*. Trad. Otacilio Nunes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2022.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022.
- PETRUCHÉVSKAIA, Liudmila. *A menininha do Hotel Metropol: minha infância na Rússia comunista*. Trad. Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- REIS, Daniel Aarão. “A Revolução e o Arquipélago”. In: SOLJENÍTSYN, Alexandre. *Arquipélago Gulag: um experimento de investigação artística, 1928-1956*. Trad. Lucas Simone et al. São Paulo: Carambaia, 2019. p. 658-667.
- SOLJENÍTSYN, Alexandre. *Arquipélago Gulag: um experimento de investigação artística, 1928-1956*. Trad. Lucas Simone et al. São Paulo: Carambaia, 2019.
- SOLJENÍTSYN, Alexandre. *Um dia na vida de Ivan Denísso-*

vith. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Siciliano, 1995.
SOLJENÍTSYNA, Natália. "O dom da encarnação". In: SOLJENÍTSYN, Alexandre. *Arquipélago Gulag: um experimento de investigação artística, 1928-1956*. Trad. Lucas Simone et al. São Paulo: Carambaia, 2019. p.12-29.